

Índice

A Luta pelo Respeito	9
A Atenção para com o Outro	21
Identidade e Alteridade	29
A Era da Ausência de Vergonha	43
Valores, Ideais e Modelos	49
O Respeito	57
A Decadência da Esfera Pública	63
A Crise da Autoridade	77

A Luta pelo Respeito

Em *Uma Teoria da Justiça*, John Rawls descreve as condições fundamentais de uma sociedade ideal. Uma sociedade é «bem ordenada» quando é guiada por uma noção comum de justiça, por um sentido de justiça.¹ A justiça é a «primeira virtude das instituições sociais».² Entre os «bens fundamentais» a distribuir de forma justa contam-se, a par dos direitos civis, das liberdades fundamentais e das oportunidades, bem como do rendimento e da riqueza, o autorrespeito (*self-respect*). Rawls eleva mesmo o autorrespeito ao estatuto de «*bem fundamental mais importante*».³

Para o autorrespeito, é fundamental «a valorização e a aprovação da própria pessoa e das suas ações por parte de outros que gozam do mesmo reconhecimento e na companhia dos quais nos sentimos bem».⁴ Quem não tem autorrespeito nem sentimento de valor pessoal ou até se odeia a si mesmo, também menospreza os outros. O autorrespeito e a consideração pelos outros andam de mãos dadas: «E quanto mais alguém sente que a sua vida é digna

1 John Rawls, *Eine Theorie der Gerechtigkeit*, Frankfurt a. M. 1975, p. 21. [*Uma Teoria da Justiça*, Lisboa: Ed. Presença, 2001.]

2 *Ibidem*, p. 19.

3 *Ibidem*, p. 479.

4 *Ibidem*, p. 480.

de ser vivida, mais facilmente se alegrará com os sucessos dos outros. Quem tem autoconfiança também não poupa no reconhecimento dos outros.»⁵

A sociedade bem ordenada pressupõe o «respeito mútuo entre as pessoas» (*men's respect for one another*)⁶, que se manifesta como reconhecimento recíproco. O respeito mútuo constitui o alicerce de uma sociedade justa. É um «dever» «manifestar o respeito que é devido a uma pessoa enquanto sujeito moral, ou seja, enquanto ser imbuído de um sentido de justiça e de uma noção do bem».⁷ Todos «beneficiam de viver numa sociedade em que o dever de respeito mútuo é cumprido».⁸ O respeito pelos outros pressupõe a capacidade de «ver a situação dos outros a partir do seu ponto de vista, segundo a sua concepção do bem». O respeito inclui igualmente a «disponibilidade para prestar pequenos serviços e pequenas atenções, não por terem qualquer valor material, mas porque expressam de forma apropriada o nosso interesse pelos sentimentos e aspirações do outro».⁹ A *atenção para com o outro* faz parte integrante do respeito.

O autorrespeito deve satisfazer duas condições. Por um lado, basear-se na «convicção firme» de que «vale a pena concretizar a nossa noção do bem, o nosso projeto de vida». Por outro lado, tem de existir a «confiança na capacidade» de «levar a cabo as nossas intenções, na medida do possível».¹⁰ Assim, o autorrespeito é totalmente independente dos ganhos materiais ou do estatuto social que a concretização do projeto de vida traria consigo. Só a crença no valor do nosso próprio projeto de vida e a confiança na capacidade de o realizar geram autorrespeito.

5 *Ibidem*.

6 *Ibidem*, p. 205.

7 *Ibidem*, p. 372 seg.

8 *Ibidem*, p. 373.

9 *Ibidem*.

10 *Ibidem*, p. 579.

O autorrespeito não depende principalmente das capacidades e realizações individuais. O vínculo com a comunidade é muito mais importante. Mesmo que alguém tenha capacidades mais limitadas, será respeitado no seio de uma comunidade à qual pertence devido a interesses e ideais comuns. A sociedade bem ordenada não é uma *sociedade do desempenho*, mas sim do *respeito*: «É claro que as pessoas têm capacidades diferentes e nem todas consideram as mesmas coisas interessantes e estimulantes. No entanto, numa sociedade bem ordenada, existem os mais diversos grupos e associações, cujos membros têm os seus próprios ideais, que correspondem aos seus objetivos e capacidades. [...] O importante é que a vida em grupo corresponda às capacidades e necessidades dos seus membros e crie uma base segura para o seu sentimento de valor pessoal. O valor absoluto dos desempenhos é irrelevante, ainda que fosse possível defini-lo.»¹¹ Devemos abster-nos de «qualquer julgamento sobre o valor do modo de vida dos outros».¹² Qualquer projeto de vida sensato é, por si só, significativo e valioso, porque se baseia numa *ideia do bem*.

Rawls separa completamente a questão do estatuto, que poderia ser essencial para o autorrespeito, dos bens materiais: «Numa sociedade justa, a base do autorrespeito não é a posição na distribuição de rendimentos, mas sim a distribuição, publicamente confirmada, dos direitos e liberdades fundamentais. E, uma vez que estes são distribuídos de forma equitativa, todos têm o mesmo estatuto seguro quando se encontram com os outros nos assuntos comuns da sociedade em geral.»¹³ A «necessidade de estatuto» é satisfeita exclusivamente «pela igualdade dos direitos dos cidadãos».¹⁴

11 *Ibidem*, p. 481.

12 *Ibidem*.

13 *Ibidem*, p. 590 seg.

14 *Ibidem*, p. 591.

Os princípios da justiça só são razoáveis se forem reconhecidos e seguidos por todos. Qualquer projeto de vida sensato deve estar subordinado a eles. A acumulação de poder e de bens materiais contradiz a noção comum de justiça e fere o autorrespeito dos outros. Rawls concebe o autorrespeito sempre a partir da comunidade. Os projetos de vida dos indivíduos devem articular-se num plano global da sociedade, «que todos possam valorizar e do qual todos possam desfrutar».¹⁵

Os «vínculos associativos» (*associative ties*), que «tornam as falhas menos prováveis e, quando estas ocorrem, contrariam a insegurança», são fundamentais para o autorrespeito.¹⁶ Reforçam a autoconfiança do indivíduo. Numa sociedade bem ordenada, não há, portanto, *perdedores* que se sintam excluídos e humilhados, pois o fracasso é efetivamente amortecido pela comunidade em questão. Os vínculos associativos garantem que ninguém sucumba à insegurança e ao desprezo por si mesmo.

Na sociedade bem ordenada, a vergonha também é integradora. *Não nos envergonhamos do nosso fracasso*, mas sim da ausência e do fracasso das virtudes que «tanto os nossos semelhantes desejam em nós como nós desejamos em nós mesmos».¹⁷ Trata-se de uma *vergonha moral*: «Assim, em relação à análise do valor moral, depreende-se que as virtudes são boas qualidades. Boas tanto do ponto de vista da pessoa em questão como dos outros. A sua ausência prejudica tanto o autorrespeito como a consideração dos outros. Quando tais deficiências se manifestam, o autorrespeito é afetado e surgem sentimentos de vergonha.»¹⁸ Os sentimentos de vergonha decorrem do fracasso das qualidades moralmente boas que a própria pessoa que tem vergonha «valo-

15 *Ibidem*, p. 480.

16 *Ibidem*, p. 481.

17 *Ibidem*, p. 484.

18 *Ibidem*, p. 484 seg.

riza e se esforça por alcançar».¹⁹ Pressupõem um *sistema de valores intacto*, reconhecido e valorizado por todos os membros da sociedade. Quem, pelo contrário, ignora todo o sistema de valores, comporta-se de forma despudorada. A ausência de vergonha generalizada que hoje podemos observar constitui um sinal de decadência social. É um indício da progressiva degradação dos valores.

A obra *Uma Teoria da Justiça*, de John Rawls, foi publicada em 1971. Naquela época, a crença no sentido de comunidade e no bem comum ainda se mantinha intacta. Predominavam os modelos sociais keynesianos e social-democratas, que defendiam a justiça social. A era do neoliberalismo, inaugurada na década de 1980 por Ronald Reagan, ainda não tinha começado.

A sociedade bem ordenada de Rawls está nos antípodas da sociedade do desempenho neoliberal. O princípio do desempenho não é compatível com a ideia de justiça. Assim, na sociedade do desempenho, a desigualdade social aumenta de forma expressiva. O princípio de *o-vencedor-fica-com-tudo* gera um grande número de perdedores, aos quais não é manifestado qualquer respeito. Sentem-se excluídos e humilhados. Perdem o sentimento de pertença, o que acaba por conduzir à divisão da sociedade. Ao contrário do que acontece na série da Netflix *Squid Game*, não são brutalmente assassinados, mas estão como que mortos, mortos-vivos. A luta acirrada de vida ou morte que se desenrola entre os participantes do *Squid Game* ilustra, de uma forma acentuada, a sociedade de desempenho dominada pela competição total. Quem quiser vencer tem de eliminar brutalmente os outros. Ou então a violência inerente ao sistema assume formas suicidas. Os vencidos põem termo à vida.

O regime neoliberal isola os indivíduos. Transforma-os em lutadores solitários, a quem, no seu jargão, chama «empreende-

19 *Ibidem*, p. 485.

dores de si próprios». Os vínculos associativos, que fortalecem o tecido social, são cortados. Quem fracassa deixa de estar integrado na comunidade. Sente-se humilhado e cai na insegurança ou no ódio por si mesmo. A sociedade do desempenho destrói o ambiente social em que nos sentimos protegidos e valorizados. Gera forças centrífugas destrutivas que afastam as pessoas umas das outras.

Na sociedade do desempenho, o respeito não é algo a que uma pessoa, enquanto «sujeito moral», tenha um *direito* incontestável. É, sim, *o resultado de um desempenho individual*. Por isso, trava-se uma luta implacável por ele. A luta pelo respeito ocorre como uma *luta pelo estatuto*. A perda de estatuto é sinónimo de perda de respeito. Por isso, deve ser evitada a todo o custo. A «ideia do bem», pela qual a sociedade bem ordenada se rege, cede o passo ao *materialismo da posse*. O estatuto não tem nada que ver com a distribuição justa dos direitos e liberdades fundamentais. Em vez disso, a necessidade de estatuto é satisfeita pela profissão, carreira, rendimento e património. Só o dinheiro e o poder definem o estatuto.

Onde se luta pelo respeito, todos querem subir mais alto na escala da prosperidade. A luta acirrada pelo respeito leva a uma competição de todos contra todos. Isto desestabiliza a sociedade, ao mesmo tempo que isola as pessoas. Não há sentido do bem comum nem solidariedade que as mantenha unidas. A luta pelo respeito é incompatível com o bem comum, pois cada um preocupa-se apenas com o seu próprio bem, a sua própria prosperidade. O princípio do desempenho opõe-se ao princípio da justiça, na medida em que divide a sociedade. A justiça une e reconcilia, enquanto o desempenho divide e isola. Com a competição permanente surge o medo. Em todas as camadas sociais prevalece o *medo de perder o estatuto e da regressão social*. Todos se comparam uns com os outros. Todos temem sair a perder, tomar uma decisão errada ou ser considerados inferiores.